

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

O CHAMADO: CARACTERÍSTICAS DA VOCAÇÃO MINISTERIAL

The call: characteristics of ministerial calling

Wagner Buteseke¹

RESUMO

O chamado para o ministério é um assunto relevante dentro da prática eclesial, porém, pouco explorado nos últimos tempos. Um tema intrigante devido às suas múltiplas formas. Cada chamado é composto por uma gama de experiências individuais e coletivas que raramente obedece a uma ordem. A falta de informações básicas sobre este assunto tem sido apontada como um dos principais motivos para o abandono recente do ministério. Considerando estas realidades, a presente pesquisa tem por objetivo encontrar o fator comum em uma situação de chamado, utilizando-se como base o chamado para o ministério pastoral. Há vários fatores em comum ligados ao chamado. No desenvolvimento da pesquisa, percebe-se diferenças e semelhanças, destacam-se características e consequências. A pesquisa confirma e relaciona a falta de informações sobre o assunto como o motivo de muitas desistências pastorais. O que é chamado? Quais são as características de um chamado? Quais as consequências do chamado? As respostas a essas perguntas resumem o conteúdo desta pesquisa.

Palavras-chave: Vocação. Chamado. Ministério Pastoral.

ABSTRACT

The call to ministry is a relevant subject within the ecclesiastical practice, however, little explored in recent times. An intriguing issue because of its many forms. Each call is composed of a range of individual and collective experiences that rarely obey an order. The lack of basic information on this subject has been identified as a major reason for the recent abandonment of the ministry. Given these realities, this research aims to find the common factor in a situation of calling, using as basis the call to pastoral ministry. There

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e pastor na Primeira Igreja Batista de Santo Augusto/RS.
E-mail: wagnerbuteseke@hotmail.com

are several common factors linked to the call. In the development of research, we can see differences and similarities, stand out features and consequences. The research confirms and relates the lack of information on the subject as the reason of many pastoral dropouts. What is call? What are the characteristics of a call? What are the consequences of the call? The answers to these questions summarize the contents of this search.

Keywords: Vocation. Call. Pastoral Ministry

INTRODUÇÃO

O chamado, somente esta palavra não é suficiente para entender o conteúdo da presente pesquisa, pois esta palavra nos remete a uma gama muito ampla de significados, entre os mais comuns, simplesmente chamar uma pessoa pelo nome, ou com significado mais específico como o chamado para a salvação. A presente pesquisa concentra-se no chamado vocacional, ou seja, o ato onde Deus convoca pessoas para atuarem em um ministério integral ou parcialmente.

Deus não chama apenas pastores e missionários para servi-lo, mas chama também médicos, engenheiros, professores, escritores, advogados, juízes, farmacêuticos, músicos, administradores, profissionais especializados e muitos outros. Ele quer usar em sua obra tanto um quanto outro, por isso quem serve a Deus como um médico está fazendo a obra tanto quanto um missionário, o importante é estar no lugar certo, no lugar colocado por Deus e ter a convicção desse chamado. E ainda existem os casos de quando a pessoa tem uma vocação dupla, um médico-missionário, um pastor-professor. Qualquer profissão deve ser exercida com o objetivo de cumprir a vontade de Deus.²

Cada chamado é composto por uma gama de experiências individuais e coletivas que raramente obedece a uma ordem. A falta de informações básicas sobre este assunto tem sido apontada como um dos principais motivos para o abandono recente do ministério. Considerando estas realidades, a presente pesquisa tem por objetivo encontrar fatores comuns no que diz respeito ao chamado, tendo como base a realidade do ministério pastoral. O que incentivou toda a pesquisa foi saber se há fatores em comum no chamado vocacional. O caminho proposto para esta busca foi analisar as características do chamado e as suas consequências.

1. ENTENDENDO O CHAMADO

Por que milhões de servos de Deus se dedicam ao incansável trabalho pastoral? A razão é única: O chamado de Deus. Críticas podem surgir, apontando a motivação para o ministério como um desejo de manipular os ingênuos; muitos desvalorizam este ministério baseados em exceções de poluição moral e da corrupção financeira de poucos. E mesmo em meio a tanta pressão e desvalorização da sociedade, todos os dias milhares de pessoas são restauradas,

² CÉSAR, Kléos Magalhães Lenz. **Vocação:** perspectivas bíblicas e teológicas. Viçosa: Ultimato, 1997. p. 123.

salvas e transformadas pelo trabalho constante e dedicado de um pastor. A consequência deste fato é uma resposta ao chamado, uma missão originada no amor a Deus e ao homem.³

O chamado de Deus para o ministério vocacional possui diferentes dimensões. O chamado para a salvação, que é ponto de partida de qualquer chamado ao serviço no ministério; a pessoa precisa ter certeza de que é chamada por Cristo antes de buscar um ministério vocacional; há também o chamado para o serviço, que é parte intrínseca do chamado à salvação e que não deve confundir-se com o chamado vocacional, que é a atuação em um ministério de tempo integral.⁴

Destacam-se alguns elementos importantes no contexto da vocação. Primeiramente Deus é quem chama, quem desafia o ser humano ao cumprimento da sua vontade, dessa forma entende-se o “chamado” como aquilo que opera essa vontade na história. O outro elemento importante neste processo é o ser humano, que é tocado pela presença da divindade, fazendo-o entender a sua vontade e levando-o ao cumprimento de uma missão. Assim evidencia-se outro aspecto muito delicado do chamado, o subjetivismo, ou seja, o chamado de Deus se dá no mais profundo do ser. Por isso, quando se fala em vocação neste sentido, o testemunho é o limite da evidência, pois só o testemunho permite conhecer o chamado de Deus a alguém para o cumprimento de um ministério.⁵

O vocacionado é chamado não por causa de algum mérito por esse praticado, e ele nunca deve se esquecer dessa realidade, pois, assim sendo, corre o risco de cair na tentação da ostentação, do orgulho, o vocacionado precisa se manter longe de toda soberba. Quando Deus chama, ele espera dedicação total, ele quer que se faça com zelo, fidelidade, responsabilidade, colocando todo o tempo à sua disposição. E o chamado não é de natureza apenas contemplativa, ociosa e reclusa, existe o lado dinâmico e prático do chamado, é o “Ide” de Cristo que convoca os discípulos ocupados a se ocuparem ainda mais. Deus não dá emprego, mas dá serviço. Deus não chama ninguém para cruzar os braços. A vida cristã não é apenas passar pela terra, mas servir ao Senhor e aos irmãos em Cristo.⁶

1.1 Consciência e convicção

Os pastores foram designados por Deus para serem pastores, não é uma questão de escolha. Os pastores não escolhem serem pastores, mas Deus escolhe os pastores e os designa para os seus planos. Ser pastor não se subentende que o indivíduo terá uma coleção de dons, pois ser pastor é um dom⁷ próprio. O chamado consiste em saber que Deus cria indivíduos para serem pastores.⁸

³ HAYFORD, Jack. **Pastores da promessa**: enfatizando o caráter e a esperança como a chave da produtividade no pastorado. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Quadrangular, 1999. p. 13.

⁴ MACARTHUR Jr, John. **Redescobrimo o ministério pastoral**: moldando o ministério contemporâneo aos preceitos bíblicos. 3.ed. Tradução de Lucy Yamakami. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 126

⁵ SOUZA, Ágabo Borges de. **Vocação e espiritualidade no Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 2003. p. 18.

⁶ CÉSAR, 1997, p. 132, 137 e 139.

⁷ Efésios 4.11

⁸ HANSEN, David. **Arte de pastorear**: um ministério sem todas as respostas. Tradução de Hope Gordon. São Paulo: Shedd, 2001. p. 34.

Os pastores precisam ter a certeza do plano de Deus para suas vidas. Esse plano se revela através do chamado para o ministério. Essa convicção ultrapassa o âmbito da escolha profissional; não é uma escolha baseada em um teste vocacional, mas é o reconhecimento de uma missão dada por Deus.⁹

Hansen afirma que a consciência de que ele é chamado por Deus para ser um pastor é a fundamentação do seu ministério, sendo esta a experiência mais importante depois da salvação. E acrescenta que o chamado é o que o mantém no ministério é o que o impede de ficar insano diante das oscilações da vida pastoral; é o que ratifica a sua autoridade para pregar a palavra de Deus e ministrar as ordenanças. É a convicção da presença de Deus fortalecendo em todas as tarefas executadas no pastoreio.¹⁰

Nelson Luis Campos Leite concorda com a importância de se ter uma consciência do chamado, e enfatiza que essa é a força motivadora que impulsiona o ministério pastoral. Porém, ele acrescenta que essa consciência não é suficiente para alimentar constantemente o chamado. Este autor argumenta que apenas a consciência do chamado não é suficiente para fundamentar um ministério pastoral e por isso ele acrescenta alguns fatores fundamentais no exercício do pastorado, como: caráter, temperamento, personalidade, relacionamento, responsabilidade, preparo, intimidade com Deus e equilíbrio do ser.¹¹

David Fisher concorda com essa importância da consciência do chamado, porém ele usa outra linguagem para se referir a essa consciência. Ele trata da sua convicção de chamado como algo que controla a sua alma, e apesar de destacar a importância da evidência exterior, comenta que esse controle da sua alma é o poder sustentador do seu ministério pastoral. E quando surgem dificuldades e pressões no ministério, ou até mesmo dúvidas com relação às evidências exteriores, é esse controle que o guarda, o sustenta e o motiva.¹²

MacArthur, citando Bridges, diz que a convicção do chamado é a maior de todas as fortalezas do pastor, e se essa convicção é inabalável, todas as coisas na vida estarão em ordem. Continuando, mas agora citando Wiersbe, destaca-se a dificuldade do ministério, sendo uma tarefa muito desgastante, sendo assim o ministro que não tem a convicção não permanece no ministério, logo um ministério eficaz somente é desenvolvido a partir de uma convicção do chamado por Deus.¹³

Lutzer afirma que muitos têm essa consciência desde a juventude, para outros essa ideia vai amadurecendo conforme o estudo da palavra de Deus. Entretanto, destaca a importância e afirma que não há obstáculos que possa deter um impulso dado por Deus. Essa consciência é a base e a firmeza para o ministério.¹⁴

⁹ CARTER, James E. **Ética ministerial**: um guia para a formação moral de líderes cristãos. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2010. p. 27.

¹⁰ HANSEN, 2001, p. 34.

¹¹ LEITE, Nelson Luiz Campo. **Pastoreando pastores**: vocação, família e ministério. São Paulo: Cedro, 2005. p. 16.

¹² FISHER, David. **O pastor do século 21**: uma reflexão bíblica sobre os desafios do ministério pastoral no próximo milênio. Tradução de Yolanda Mirsda Krievin. São Paulo: Vida, 1999. p. 121.

¹³ MACARTHUR Jr, 1999, p. 128.

¹⁴ LUTZER, Erwin. **De pastor para pastor**: respostas concretas para os problemas e desafios do ministério. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2000. p. 15.

Outra consciência importante que acompanha o chamado é a disponibilidade. A pessoa que é chamada por Deus precisa ter essa consciência, de que não vai servir e ministrar apenas algumas horas por dia, mas que precisa estar disponível o tempo inteiro se preciso vinte e quatro horas por dia. Isso não significa estar ocupado o tempo inteiro, mas disponível. O ministério não tem hora específica para ser praticado, ele é exercido em qualquer hora e lugar.¹⁵

A importância da convicção do chamado apresenta-se nas saudações de Paulo, onde percebe-se que o senso de identidade de Paulo tinha origem em uma profunda convicção de que ele foi chamado por Deus e separado para a obra apostólica. Ele era controlado por essa vocação, era algo fora dele mesmo, que englobava toda a sua vida e conduzia o seu ministério. Essa convicção de Paulo fluía do seu relacionamento com Cristo, assim como deve ser toda a vocação cristã, ou seja, centralizada em Cristo; exemplo disso é a experiência de Paulo com Cristo na estrada para Damasco, citada duas vezes por ele mesmo ao falar do seu ministério.¹⁶

Depois de ouvir a voz de Deus e fazer com Ele um pacto, o próximo passo dessa caminhada é a preparação. E isso engloba uma educação formal e um envolvimento maior com a igreja, no sentido de tarefas. Ouvir, assumir, se preparar, tudo isso deve estar baseado em um chamado concreto, apoiado por uma igreja de verdade. Sem isso não existe chamado, pois essas são as características necessárias para se conhecer um chamado pastoral. Não importa o quanto existe a sensação de ser chamado por Deus, não importa o alto preparo acadêmico, se não houver uma igreja que aceita o indivíduo como pastor, logo ele não tem um chamado de Deus para ser pastor.¹⁷

1.2 Um chamado específico

A convicção da vocação é uma necessidade. É preciso ter a certeza total do que se vai fazer, é preciso entender claramente a natureza do chamado, qual o trabalho que Deus determinou? É muito importante estar situado no reino de Deus. Praticar algo para qual a pessoa não foi chamada, desencadeará em muitas dificuldades e conseqüentemente em muitas crises na vocação e um provável insucesso. Exemplo: se o pastor está pastoreando uma igreja, mas ele tem um chamado para missões transculturais, há uma grande probabilidade de fracasso, pois está realizando algo para o qual não foi chamado.¹⁸

O chamado para o ministério pastoral precisa ser o mais específico possível, pois uma vocação geral ao ministério pode levar ao pastorado, porém este chamado geral não pode sustentar o pastor através das dificuldades da realidade da igreja. Por isso, o chamado pastoral precisa ser específico.¹⁹

Edson Queiroz, ao comentar este assunto, afirma que a chamada específica é uma realidade, e que Deus continua chamando homens e mulheres para liderar o seu povo e esses

¹⁵ SILVA, Ézio Pereira da. **Dignos de honra**: a igreja e seus obreiros. Londrina: Descoberta, 2000. p. 89.

¹⁶ FISHER, 1999, p. 123-124.

¹⁷ HANSEN, 2001, p. 38.

¹⁸ CÉSAR, 1997, p. 121.

¹⁹ FISHER, 1999, p. 117.

líderes precisam ter essa convicção, pois somente assim conseguirão deixar tudo e servir no ministério.²⁰

Deus criou uma grande variedade de serviços e realizações, nas quais encaixam-se as mais diversas vocações. O importante é ter certeza de estar fazendo o que Deus determinou. Um exemplo está em 1Co 12.18, 24, 28, onde Paulo, para explicar o funcionamento da igreja, usa a comparação do corpo humano, ou seja, todos são necessários, todos têm a sua função, o importante é que cada um esteja no lugar certo, exercendo a sua própria função, conforme a vontade do coordenador de todo o corpo.²¹

Lutzer enfatiza essa questão do direcionamento específico, citando como ilustração as vidas de Charles Spurgeon e Billy Graham. Se ambos optassem por outra carreira, para Deus teria o mesmo efeito? O autor descarta essa possibilidade, e diz que Deus ainda hoje chama indivíduos para ministérios específicos e cita dois como exemplos: pregação e ensino da palavra. Continuando a complementar a sua ideia, Lutzer combate uma ideia provinda da área missionária, que não se necessita de uma chamada específica; se há um chamado, a motivação deve ser a urgência e a necessidade.²²

2. ACEITANDO O CHAMADO

Antes do indivíduo responder à chamada, ele precisa ter certeza de que esta chamada vem da parte de Deus. O chamado de Samuel (1Sm 3.4-10) ensina como o homem não está preparado para ouvir e reconhecer a voz de Deus. Mesmo vivendo em um santuário, encontra-se a dificuldade para diferenciar esta chamada em meio a tantas vozes.²³

Edson Queiroz comenta o fato da seleção de candidatos para o ministério, destacando que uns apresentam a sua experiência de chamado de forma bem clara e objetiva, enquanto outros a fazem de forma vaga e sem nitidez. Há também os extremos em que muitos baseiam o seu chamado em uma experiência altamente emotiva, esquecendo-se de que Deus age de várias formas. E Queiroz enfatiza que o mais importante é que o candidato tenha uma experiência clara e indiscutível.²⁴

Uma maneira relevante para a aceitação do chamado é ouvir as opiniões de amigo e principalmente de ministros mais experientes. Um bom diálogo ajuda a esclarecer se o que o candidato tem é um desejo, um impulso, um sentimento, ou até mesmo se o candidato está com uma motivação equivocada. A Bíblia é que dá orientação com relação a esse assunto, e o incentivo em algumas passagens a buscar orientação de pessoas mais sábias.²⁵

Existem várias formas para a confirmação do chamado. Pode ser por meio de coincidências especiais, ou usando um ser humano como intermediário; porém, não se pode

²⁰ QUEIROZ, Edson. **Transparência no ministério**: como ser um líder segundo o coração de Deus. São Paulo: Vida, 1997. p. 34.

²¹ CÉSAR, 1997, p. 121.

²² LUTZER, 2000, p. 11.

²³ COENEN, Lothar. **Chamar**. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. Tradução de Gordon Chow. São Paulo: Vida Nova, 2000. Vol. 1, p. 351.

²⁴ QUEIROZ, 1997, p. 30.

²⁵ MACARTHUR Jr, 1999, p. 130.

limitar os meios utilizados por Deus. Frequentemente pessoas se sentem chamadas por Deus, mas não para atuar em uma igreja; nestas situações Deus usa o corpo de Cristo, ou uma junta missionária, para esclarecer esse chamado.²⁶

Em todo o chamado a iniciativa sempre é de Deus. Essa afirmação encontra uma posição de destaque dentro desse processo, bem como a consciência dele. O Deus que a tudo conhece chama cada indivíduo, porque o conhece, sabe das suas habilidades e dificuldades, e segundo a análise Dele considera cada uma parte importante para a sua obra. Isso mostra a importância da iniciativa ser primeira e exclusivamente de Deus.²⁷

A postura da pessoa que recebe o chamado deve ser de humildade e surpresa, acompanhada de oração e muita reverência e sensibilidade para o discernimento da vontade de Deus. Lutzer, citando Spurgeon, diz que ninguém deve entrar no ministério, se o mesmo tem condições de optar por outra vocação, no ministério só permanecem pessoas que sentem fortemente que não têm alternativa. E Lutzer continua, mas agora citando Lutero, que afirma que o homem deve fugir do chamado, ainda que seja mais sábio que Salomão e Davi, porque, se Deus precisar de alguém, ele sabe exatamente como chamar.²⁸

Quem recebe o chamado de Deus precisa obedecer. Não há opções, não há outra alternativa, não se deve apresentar desculpas do tipo: “não creio, não quero, não posso, não vou, manda outro em meu lugar, não tenho os dons adequados, tenho medo, não estou convencido”. O chamado divino é extremamente persuasivo e convincente, mesmo para os mais relutantes.²⁹

3. MOTIVAÇÕES ERRADAS PARA ACEITAÇÃO DO CHAMADO

Os segredos mais íntimos do coração do homem apenas Deus conhece, e entre esses segredos está a motivação. Por mais que os homens façam trabalhos voluntários e altruístas explicando o porquê de estar fazendo, a verdadeira motivação só Deus conhece e só Ele pode auxiliar na identificação das motivações para o ministério, e isso Ele faz através da sua palavra, que julga e critica as verdadeiras intenções do coração.³⁰

Ingressar no ministério incentivado por uma motivação errada é muito perigoso, por isso torna-se necessária uma análise das motivações. Deus, que conhece as motivações, sabe se a pessoa entra no ministério para alcançar posições elevadas, para obter benefícios pessoais, se é para deixar evidente aos outros que têm grandes capacidades, ou se o candidato está entrando no ministério para trabalhar com humildade, conforme a recomendação da palavra de Deus. Não haverá a ação de Deus onde as motivações são erradas, o ministério será estéril, sem frutos, isso devido ao fato de Deus conhecer as motivações.³¹

²⁶ LUTZER, 2000, p. 16.

²⁷ RIGGS, Ralph M. **O guia do pastor**. 3.ed. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Vida, 1980. p. 26.

²⁸ LUTZER, 2000, p. 18.

²⁹ CÉSAR, 1997, p. 125.

³⁰ QUEIROZ, 1997, p. 48.

³¹ QUEIROZ, 1997, p. 49.

Edson Queiroz sugere uma forma para se conhecer as motivações para o ministério. A proposta é clamar por uma sondagem do Espírito Santo, que será o auxílio para as seguintes perguntas:

Por que estou fazendo isso? O que pretendo alcançar com isso? Quais as vantagens para o reino de Deus? Vale a pena o investimento comparado com os resultados? Terei vantagens pessoais?³²

Em uma pesquisa realizada para saber as motivações de cada aluno de um determinado seminário, constatou-se que a maioria deles foi para o seminário e teve o chamado baseado no envolvimento com a igreja local. Mas no decorrer do curso houve um amadurecimento da consciência vocacional, a partir de um envolvimento mais intensificado com a igreja local. Reforçando assim que o motivo inicial da vocação não é suficiente para sustentar e levar adiante um ministério, principalmente diante dos obstáculos e lutas enfrentadas. É necessário um amadurecimento contínuo desta consciência, que acontece das seguintes formas: relacionamento com Deus e o envio vocacional, compromisso maior com a obra de Cristo e com a igreja e a clareza da importância deste ministério, diante da situação atual de toda a sociedade.³³

Kléos Magalhães Lenz César aborda mais uma série de motivações inadequadas para o ministério. A tradição familiar e a influência de terceiros podem ser perigosas, apesar da alegria de várias pessoas da mesma família serem chamadas por Deus não significa que na próxima geração isso terá continuidade. Ser motivado apenas pelo incentivo de um grande líder, também é muito perigoso, mesmo que às vezes essa é uma forma utilizada por Deus para a confirmação do chamado.³⁴

Ingressar no ministério motivado por uma aprovação em um vestibular teológico revela uma imaturidade no reconhecimento do chamado. Mesmo que essa aprovação acontece de forma relativamente fácil, ainda não é uma motivação aceitável, pois a história revela que as grandes vocações enfrentaram grandes dificuldades. Essa aprovação pode ser um sinal que somado ao contexto e outros sinais de confirmação, podem resultar na aceitação do chamado, mas esse evento isolado seria insuficiente para motivar uma vocação. Um importante destaque é que as provas de seleção dos seminários são relativamente fáceis. Tendo em vista o crescente número de candidatos que baseiam o chamado nesta aprovação, muitos seminários têm reavaliado essas provas com o intuito de aumentar o nível de dificuldade, para evitar frustrações posteriores.³⁵

Queiroz, citando Spurgeon, diz que existe uma dificuldade dos avaliadores rejeitarem um candidato ao seminário; Spurgeon, quando convencido de que Deus não chamara tal candidato, sentia-se obrigado a dizer. E as motivações erradas mais comuns para o ministério era a auto-promoção, o desejo de se destacar. Spurgeon comenta que candidatos com essas motivações podem forçar uma ascensão ministerial, orgulhando-se de suas habilidades e até

³² QUEIROZ, 1997, p. 50.

³³ LEITE, 2005, p. 21.

³⁴ CÉSAR, 1997, p. 75.

³⁵ CÉSAR, 1997, p. 75.

mesmo considerando-se maiores do que as pessoas comuns. Os tais Spurgeon considera desqualificados para entrarem no serviço do Senhor.³⁶

Deus chama pessoas ocupadas e responsáveis. Muitos às vezes não se fixam em empregos, vivem uma instabilidade profissional e pensam que isto é um sinal da chamada divina. Mas, Segundo Edson Queiroz, isso não é assim, pois Deus quer na sua obra pessoas que tenham integridade no seu trabalho profissional.³⁷

César concorda que essa é uma motivação, no mínimo, duvidosa, pois alguns consideram que o insucesso profissional é uma forma de Deus convocar alguém para o ministério. Segundo ele, esta ideia é equivocada e contraditória à palavra de Deus, que mostra que Deus deseja o sucesso dos seus filhos. Se ocasionalmente um insucesso acontece, é para despertar a consciência da pessoa para o chamado divino, mas só tem validade se tal insucesso acontecer dentro de uma sequência em um contexto vocacional. Se tudo está dando errado na vida de uma pessoa, não significa necessariamente que Deus a está chamando para o ministério, mas esses erros podem ter outra fonte, como incompetência e negligência profissional.³⁸

Pessoas que veem nas suas qualificações naturais uma motivação para o chamado, podem se enganar, pois talentos e habilidades naturais, tais como simpatia, entusiasmo, oratória, erudição, comunicação, liderança, isoladamente não constituem um chamado vocacional autêntico. Mesmo que algumas das habilidades citadas acima sejam essenciais para um pastor, também se encaixam perfeitamente em profissões como advocacia, política, administração de empresas, magistério, carreira diplomática. Essas habilidades só servem como motivação e sinais de chamado se estiverem acompanhadas de outros sinais e motivações vocacionais.³⁹

O status também é um problema. A posição de destaque que os pastores assumem na igreja desperta a atenção de alguns candidatos ao ministério. Apesar dessas posições serem atraentes, alguém que quer ir para o ministério com o desejo desses cargos não é uma pessoa especificamente chamada por Deus. Uma motivação perigosa e inadequada que faz com que o candidato não escute a voz de Deus, mas que se importe com sua carreira ministerial.⁴⁰

Motivação por benefícios materiais. O ministério pastoral não é uma profissão, é uma missão. Mas esta atividade pode ser confundida com uma profissão. Alguns julgam que a atividade religiosa é menos cansativa que as demais, mas para os que a desenvolvem com total dedicação, honestidade e seriedade essa é uma falsa ideia. O interesse econômico é a motivação mais frustrada, mesmo que alguns líderes ganhem bons salários e umas vantagens, isso não mostra a realidade geral. Quem quer enriquecer não deve se tornar um pastor, mas para quem quer acumular tesouros no céu esta é uma excelente oportunidade.⁴¹

³⁶ QUEIROZ, 1997, p. 31.

³⁷ QUEIROZ, 1997, p. 32.

³⁸ CÉSAR, 1997, p.76.

³⁹ CÉSAR, 1997, p. 76-77.

⁴⁰ CÉSAR, 1997, p. 20.

⁴¹ CÉSAR, 1997, p. 20.

Riggs considera aqueles que encaram o ministério como uma profissão, com a finalidade de alcançarem algum prestígio social, exhibir talentos e funcionalidades, apenas dedicar-se à leitura e aos estudos, ter uma vida relativamente fácil, como aqueles que monopolizam a chave do conhecimento, não permitindo que ninguém entre. São líderes cegos, são incapazes de transmitir as boas novas do evangelho. E que sobre estes está preparada uma grande condenação.⁴²

O procedimento para a descoberta de motivações erradas é: arrependimento e redirecionamento do propósito ministerial, propósito que seja compatível com as motivações corretas. Estar alerta, pois há uma tendência de que as motivações erradas voltem. Que cada nova ideia passe por um discernimento espiritual e uma checagem de motivações, para ver se harmonizam com os propósitos de Deus.⁴³

4. A EXPERIÊNCIA DE SIMÃO, O MÁGICO

Simão era um mágico de Samaria que enganava e enfeitiçava as pessoas, que diziam que ser um grande personagem. Todos em Samaria prestigiavam Simão, pois ficavam encantados com as suas habilidades mágicas, provavelmente um tipo de bruxaria. Diante da pregação de Felipe e dos sinais e milagres que confirmavam a sua mensagem, as pessoas de Samaria creram e foram batizados, pois estes também aguardavam pelo Messias, e até mesmo Simão aceitou a Jesus e foi batizado.⁴⁴

Simão, a partir daí, começou a seguir Felipe de perto. Ele, que antes havia sido usado para enganar o povo por meio de truques e mágicas, sabia que muitas coisas poderiam ser feitas com aquilo que ele via Felipe fazendo. A observação de Simão em relação às coisas que Felipe fazia, era uma visão profissional do assunto, e a conclusão a que ele deve ter chegado era que os milagres eram verdadeiros. Por isso, o relato do espanto e da admiração dele, diante dos grandes feitos sobrenaturais; ele sabia que não se tratava de truques, como os que ele fazia anteriormente.⁴⁵ Mas, segundo Stott, Simão via os apóstolos como “praticantes de mágica religiosa extraordinariamente talentosos”.⁴⁶

Tem-se questionado e mesmo duvidado sobre a fé de Simão. Será que ele creu verdadeiramente? A Bíblia afirma categoricamente que sim. Outro argumento plausível encontra-se em Felipe, um homem guiado pelo Espírito como ele, que não teria batizado Simão, caso esse não demonstrasse ser um verdadeiro crente.⁴⁷

César discorda de Horton, afirmando que Simão é um exemplo negativo daqueles que querem entrar na vocação ministerial, sem antes ter recebido o chamado da salvação, ou seja, sem ser convertido. Ao presenciar os milagres realizados pelos apóstolos, Simão também quis

⁴² RIGGS, 1980, p. 24.

⁴³ QUEIROZ, 1997, p. 50.

⁴⁴ HORTON, Stanley M. **O livro de Atos**. Tradução de Amantino Adorno Vassão. São Paulo: Vida, 1983. p. 91-92.

⁴⁵ HORTON, 1983, p. 92.

⁴⁶ STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**. Tradução de Marcus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1994. p. 168.

⁴⁷ HORTON, 1983., p. 92.

se tornar um obreiro, mas Pedro, com a capacidade de discernimento, percebe que Simão ainda não havia passado pela conversão e fecha a porta do ministério para Simão.⁴⁸

Algo chama a atenção de Simão quando Pedro e João impõem as mãos sobre as pessoas e estas recebem o Espírito Santo, porém Lucas não relata o quê. Simão havia visto os milagres e sinais realizados por Felipe. Entende-se que a manifestação de profecias não teria atraído a sua atenção, pois seria em sua própria língua e não seria sobrenatural; o dom de línguas também não, pois, diferente do dia de Pentecostes, não havia ali pessoas de outras nações que entendessem línguas estrangeiras. Provavelmente o motivo de Lucas não relatar o que chamou a atenção de Simão está no fato de que a sua ênfase estava na atitude errada de Simão.⁴⁹

A observação de Simão constatou que, pela imposição de mãos dos apóstolos, o Espírito Santo era dado. E ao invés de se apresentar com o intuito de receber o Espírito Santo, aproximou-se motivado pela velha ganância e ofereceu dinheiro aos apóstolos para impor as mãos sobre o povo e obter o mesmo resultado.⁵⁰

O que torna o desejo de Simão pecaminoso é querer ter poder por razões erradas e pelo método errado. A autoridade espiritual é muito mais que um privilégio, é uma responsabilidade, percebendo-se o perigo de usar essa posição de autoridade para os próprios interesses, seja como modo de fazer dinheiro, ou para inchar o próprio ego. Simão via o dom do Espírito Santo dentro do seu conhecimento de magia, onde provavelmente tal concepção, de comprar um dom, era aceita. A própria ideia de obter um dom divino mediante um pagamento, mostra uma falsa compreensão sobre a natureza de Deus.⁵¹

O desejo de Simão de comprar o dom de Deus subtende-se que provavelmente ele queria vendê-lo mais tarde. Isso seria impossível, pois os apóstolos estavam oferecendo a mesma coisa de graça, qualquer pessoa daquele grupo poderia receber. O mais provável é que Simão viu nesta atitude a oportunidade de recuperar o seu status entre o povo, como o portador oficial do dom do Espírito, pois este havia chegado à conclusão de que os apóstolos é que davam e possuíam o dom.⁵²

Diante da censura de Pedro, pode-se chegar à conclusão de que Simão poderia ter sido participante deste ministério, se este tivesse se aproximado com fé e recebido o dom, ao invés de oferecer dinheiro. O orgulho e a ambição de Simão fizeram com que ele caísse nesse pecado.⁵³

Conforme os comentários apresentados, conclui-se de certa forma que Simão almejava o ministério, porém a sua motivação era totalmente inadequada. Entre as possibilidades do seu interesse, estava o dinheiro e o status. Então, segundo as palavras de Pedro, Simão não

⁴⁸ CÉSAR, 1997, p. 120.

⁴⁹ HORTON, 1983, p. 94.

⁵⁰ HORTON, 1983, p. 94.

⁵¹ MARSHALL, I. Howard. **Atos**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982. p. 154.

⁵² HORTON, 1983, p. 95.

⁵³ HORTON, 1983, p. 95.

teve parte neste ministério. Motivações como as de Simão desqualificam automaticamente um aspirante ao ministério.

Esse evento marcou a tentativa de transformar o espiritual em comércio, de fazer negociação com as coisas de Deus, especialmente a compra do ministério eclesiástico, posteriormente isso foi chamado se “simonia”.⁵⁴

5. CARACTERÍSTICAS DE UM CHAMADO VOCACIONAL AUTÊNTICO

5.1 Vida íntegra

O enfoque bíblico está no caráter do líder. Frequentemente encontram-se relatos sobre o que o líder deve ser e poucos relatos sobre o que ele precisa fazer. Por isso, a relevância deste pré-requisito. Para Deus, não importa a formação ou experiência que a pessoa tenha; se esta não tiver as qualidades morais bíblicas, torna-se automaticamente inapta para o ministério. É muito mais importante o que o ministro é do que o que ele é capaz de fazer.⁵⁵

No Antigo Testamento, os sacerdotes tinham que passar por um processo de purificação antes de apresentar um sacrifício em favor do povo; pois eles não podiam interceder pelo pecado dos outros, enquanto os deles não haviam sido perdoados. Isso continua no Novo Testamento. Líder sem caráter exerce apenas uma atividade religiosa, ou mesmo um negócio religioso que resulta em hipocrisia.⁵⁶

A santidade de vida é uma marca essencial. No Novo Testamento, essa qualidade destaca-se para os líderes, pois para estar nesta posição e ajudar as pessoas, os líderes precisam ter uma vida exemplar. A pessoa que é chamada por Deus busca e tem a Bíblia não apenas como um objeto de estudo, que usa para a preparação de sermões, mas a tem como um manual que transformar vidas, não apenas a quem é ministrada, mas principalmente de quem ministra.⁵⁷

O chamado exige uma comunhão com Deus e exemplo de vida. Precisa haver uma ligação, uma coerência entre a pregação e o modo de vida do que prega, sem isso a pregação será inútil, quando não há essa coerência se perde a credibilidade tanto da mensagem, quanto com relação ao chamado da pessoa. Deus não permitirá os frutos de um ministério e muito menos o seu crescimento se a semente lançada está corrompida.⁵⁸

Jesus exigia santidade e devoção de seus discípulos. Alertava-os para que conservassem acesas as candeias espirituais Lc 12.35-38. O vocacionado precisa estar em comunhão constante com o seu Senhor, precisa respirar a fé em cada momento da sua vida, e se tornar um modelo, uma expressão do evangelho que transforma vidas.⁵⁹

⁵⁴ STOTT, 1994, p. 169.

⁵⁵ MACARTHUR, 1999, p. 137.

⁵⁶ MACARTHUR, 1999, p. 138.

⁵⁷ MACARTHUR, 1999, p. 138.

⁵⁸ CÉSAR, 1997, p. 128.

⁵⁹ CÉSAR, 1997, p. 129.

5.2 Interesse pelo ministério

A pessoa que é verdadeiramente chamada por Deus não se conforma em exercer outra atividade, e se o fizer, sofrerá uma frustração. Na pessoa que é chamada por Deus existe um desejo profundo em exercer o ministério, e mesmo que ela esteja em um bom emprego, ganhe um bom salário, este desejo superará todos esses aparentes benefícios, o desejo profundo faz com que qualquer outra atividade pareça uma perda de tempo.⁶⁰

O Pr. Antonio Renato Gusso concorda que esta seja uma marca autêntica de um chamado vocacional. Porém, para que este desejo seja uma expressão da verdadeira realidade, este desejo deve evidenciar-se na prática diária, ou seja, a pessoa não apenas deseja, mais mostra e isso naturalmente, por suas ações, pela sua responsabilidade, pelo seu amor direcionado à área na qual diz está o seu chamado. Por exemplo, se alguém diz ter um chamado para missões, a sua maior preocupação deve ser com os que ainda não foram alcançados pelo evangelho, o seu maior interesse está em notícias ligadas aos campos missionários e esta pessoa emprega um esforço maior do que os outros membros da igreja na promoção de missões. O mesmo exemplo cabe ao chamado para o ministério pastoral, essa pessoa preocupa-se com as necessidades físicas e espirituais dos que estão ao seu redor, investe um tempo de qualidade no estudo da Bíblia, está sempre à disposição para ouvir, aconselhar, visitar. Em suma, aquele que tem um chamado para uma determinada área mostra as evidências, sem esforço, naturalmente, nas suas atitudes diárias.⁶¹

César usa outra expressão para falar desse desejo, ele o trata como uma intensa compulsão interior. Uma obra eficaz do Espírito Santo na consciência do indivíduo, que, atingindo o seu objetivo, produz uma plena convicção do chamado. Segundo este autor, a pessoa não encontra a paz interior enquanto não cede a essa força interna e aceita o chamado. O vocacionado não pode ser frio e indiferente à obra de Deus, mas sua compulsão interior deve motivá-lo a servir na obra de Deus.⁶²

O desejo profundo precisa estar no trabalho pastoral e não no cargo. Esse desejo só é qualificado como positivo quando é encarado desta maneira: o desejo pelo servir e não pela posição. Esse desejo deve manifestar-se integralmente desta forma ao ponto do candidato ser confrontado com a seguinte posição: se consegue viver longe do ministério, que fique; se consegue ser feliz fazendo outra coisa, que faça; mas, se Deus o chama, que não recuse.⁶³

5.3 Reconhecimento da igreja

A igreja tem um importante papel para a confirmação do chamado. A igreja será a mais envolvida com o pastor durante o seu ministério: será ela que vai sofrer o impacto das ideias mirabolantes de cada pastor, é ela que sofre as perdas ou recebe os ganhos do ministério pastoral. Por isso, Deus confiou à igreja esse papel tão importante neste processo. A igreja

⁶⁰ QUEIROZ, 1997, p. 36.

⁶¹ GUSSO, Antonio Renato. Evidências da vocação ministerial. **O Batista Pioneiro**, Curitiba, ano 84, nº 11, p. 03, novembro 2010.

⁶² CÉSAR, 1997, p. 78.

⁶³ MACARTHUR, 1999, p. 136.

precisa reconhecer o chamado pastoral no indivíduo, é a igreja que convida o pastor para servir, é a igreja que ordena o pastor, é a igreja que precisa impor as mãos sobre ele.⁶⁴

A igreja reconhece os que são verdadeiramente chamados por Deus. Essa percepção é devido aos frutos do trabalho que o indivíduo realiza; mesmo aqueles que não perceberam o chamado de Deus podem ser facilmente identificados por seu testemunho de vida, por suas atitudes e pelos frutos do seu ministério.⁶⁵

Esta é uma das formas que Deus usa para a confirmação do chamado. Ao comentar o texto de 1Tm 4.14, Edson Queiroz afirma que a imposição de mãos citada nesta passagem é uma motivação para a pessoa que está envolvida na igreja, e percebem-se claramente os resultados do seu trabalho, para que ingresse no ministério. E ele continua citando Gladden, que afirma que a convicção do chamado deve ser submetida à aprovação dos irmãos em Cristo, e esta aprovação é efetuada pela igreja.⁶⁶

MacArthur, citando Spurgeon, apoia essa teoria. A vontade de Deus com relação a um chamado pastoral é conhecida mediante o julgamento da igreja, há uma necessidade de que o seu dom seja provado, que sua pregação seja aceita pelo povo de Deus. Muitos candidatos ao ministério têm receio de submeter a confirmação do seu chamado à aprovação da igreja, por não confiarem na igreja. Mas, observa-se que muitas igrejas julgam segundo a carne, em muitas igrejas pode não haver sabedoria, apesar disso é melhor confiar uma decisão tão importante ao povo de Deus do que à própria opinião. Portanto, é muito importante que o candidato submeta-se à decisão da igreja, pois o mesmo só será um pastor se esta o reconhecer como tal.⁶⁷

Fisher concorda com esse papel da igreja e acrescenta. O chamado interior, ou seja, a consciência de que se é chamado por Deus, precisa receber uma confirmação exterior. O convite de uma igreja para um candidato ao ministério é essa confirmação exterior é quando o chamado assume uma forma. Essa experiência fornece evidências exteriores que confirmam que o chamado interior, a consciência do chamado, é genuíno.⁶⁸

5.4 Autoridade espiritual

O verdadeiro chamado de Deus é capacitado com o poder do Espírito Santo, assim como todo cristão. Esse, porém de maneira um pouco diferente. Essa capacitação resulta em frutos ministeriais. Em decorrência disto, a igreja respeita a pessoa que tem o verdadeiro chamado. Ele, como um líder na igreja local, é seguido naturalmente pelas pessoas. A sua liderança não é imposta ou forçada, mas ocorre naturalmente devido à sua vida ministerial. Isso não significa que não haverá opositores, porque haverá, mas o verdadeiro chamado revestido de autoridade espiritual prevalecerá.⁶⁹

⁶⁴ HANSEN, 2001, p. 39.

⁶⁵ QUEIROZ, 1997, p. 47.

⁶⁶ QUEIROZ, 1997, p. 39.

⁶⁷ MACARTHUR, 1999, p. 130.

⁶⁸ FISHER, 1999, p. 120.

⁶⁹ QUEIROZ, 1997, p. 47.

O despertar de Deus para um ministério é uma convocação ao cuidado e responsabilidade. Isso significa que Deus tem intenção em usar o indivíduo como um instrumento. Por isso, do mesmo exige-se uma dedicação completa da sua vida. Uma vida de santidade é muito importante, pois o pecado é um impedimento para o agir de Deus, e também clamar pela plenitude do Espírito Santo para o cumprimento do ministério em nome do Senhor Jesus Cristo.⁷⁰

5.5 Visão missionária

Edson Queiroz, que é um grande especialista em missões na Igreja Local, acrescenta essa marca à pessoa que é verdadeiramente chamada por Deus. Segundo ele, a pessoa que é chamada por Deus precisa ter o conhecimento do propósito missionário de Deus para a sua igreja. Chamado ministerial e chamado missionário são inseparáveis. A igreja tem essa missão e os ministros precisam conduzir a igreja segundo a vontade de Deus.⁷¹

Outra característica é amar o pecador. O chamado por Deus não pode ficar indiferente quanto às necessidades espirituais das pessoas, ao contrário precisa haver neste uma profunda angústia pelas almas perdidas, sua maior vontade deve ser conduzir essas almas até Cristo.⁷²

6. FUGINDO DO CHAMADO

Jonas era um profeta galileu que nasceu na vila de Gate-Hefer, a sete quilômetros de Jerusalém, ele viveu no século oito antes de Cristo e profetizou a expansão do Reino do Norte, que estava sob o domínio de Jeroboão II. O seu Pai chama-se Amitai, ele foi contemporâneo dos profetas Amós e Oseias. Jonas não foi um profeta pós-exílico, como interpretam alguns teólogos liberais e nem uma lenda, como dizem os críticos da Bíblia. A historicidade de Jonas é confirmada tanto no Antigo Testamento, quanto no Novo Testamento, e até mesmo citado por Jesus.⁷³

Alguns pontos destacam-se sobre a vida deste profeta. Ele é o primeiro profeta transcultural da História. Deus já havia levantado outros profetas para profetizarem para outras nações, mas Jonas é o primeiro enviado especificamente para falar com gentios; é o primeiro missionário estrangeiro a sair da terra natal para anunciar a palavra de Deus a um povo pagão. Jonas é o primeiro profeta a desobedecer a uma ordem de Deus; Jonas é o primeiro que, ao ouvir a voz de Deus, decide fugir, é o único caso que se tem notícia de um profeta que se recusou a cumprir uma missão dada por Deus. Jonas decide não escutar a voz de Deus, cauteriza a sua consciência e foge, busca fazer tudo que é contra a vontade de Deus. E Jonas é o primeiro profeta a ver o resultado positivo, em seu sentido mais completo, de sua mensagem. Ele prega uma mensagem simples de cinco palavras, não queria e nem espera

⁷⁰ QUEIROZ, 1997, p. 50.

⁷¹ QUEIROZ, 1997, p. 30.

⁷² CÉSAR, 1997, p. 79.

⁷³ LOPES, Hernandes Dias. **Jonas**: um homem que preferiu morrer a obedecer a Deus. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 36.

uma resposta positiva, mas mesmo assim cerca de 120.000 pessoas foram impactadas. É o resultado mais positivo, em termos de respostas na história da pregação.⁷⁴

No chamado de Jonas, percebe-se que ele é um homem a quem Deus fala. A expressão: “veio a mim a palavra do Senhor” (Jn 1.1) é frase que inicia a comunicação entre Deus e o profeta em mais de 100 casos no Antigo Testamento, após esta expressão, normalmente vem a mensagem que o profeta deve proclamar; portanto, Jonas é um profeta que recebe a palavra de Deus para transmiti-las aos homens, Jonas é um meio, um canal e por isso não pode reter a mensagem. O Profeta não cria a mensagem, não é a fonte da mensagem, não escolhe a mensagem e nem a quem ela deve ser anunciada, ele é apenas um servo de Deus e da mensagem e o que se requer dele é fidelidade e o cumprimento da missão.⁷⁵

Jonas recebe diretamente de Deus uma mensagem soberana, clara e urgente: ele deveria advertir a cidade de Nínive das consequências dos seus pecados. O chamado de Deus para Jonas é um chamado inédito e, diante da dificuldade da missão, o profeta precisa de disposição para pregar não só onde ele quer. Jonas não é chamado para pensar, refletir ou questionar, mas chamado para pregar o arrependimento à cidade de Nínive, uma grande cidade dos tempos antigos, uma cidade muito importante, mas ao mesmo tempo muito má, violenta, perversa, cheia de maldades e pecados; Deus estava enviando Jonas para a região mais tenebrosa e assustadora do mundo; para confrontar as pessoas dessa cidade com a realidade do seu pecado.⁷⁶

Quatro fatos destacam-se na fuga de Jonas. Jonas desafiou a Deus, mesmo conhecendo toda a majestade e grandeza de Deus, Jonas desobedece, isso mostra que a sua teologia estava em desacordo com a sua vida prática, por isso Jonas é um homem que vive um conflito contraditório, ele crê em uma coisa, mas vive outra. Observa-se Deus mandando a tempestade atrás de Jonas, o peixe atrás de Jonas, um verme comer a planta, Deus manda e todos obedecem, mas, quando Deus manda o seu profeta, ele desafia a Deus e foge.⁷⁷

Jonas tinha disposição, não para obedecer, mas para fugir. O motivo que leva um homem a tentar fugir de Deus é sempre ruim, o método que o homem usa para tentar fugir de Deus é absurdo, pois isto se constitui em uma tentativa impossível e as consequências dessa tentativa de fuga são sempre desastrosas. Deus manda Jonas para Nínive, que fica ao leste, mas Jonas tentar ir para Tárzis que fica a oeste. Três motivos levaram Jonas a escolher essa cidade para tentar se refugiar de Deus: Tárzis era a região mais remota conhecida pelo mundo da época, o ponto final dos navios, cerca de 4000 km de distância de Jope, a viagem para lá durava em torno de um ano, Jonas pensava que estava saindo da jurisdição do Senhor, estava indo na direção contrária a vontade de Deus e da sua missão. Em segundo lugar, porque em Tárzis a palavra de Deus não tinha chegado, o mensageiro da palavra estava fugindo da palavra, uma atitude declarada de rebeldia contra Deus e sua vontade. E em terceiro lugar, porque Tárzis é uma cidade muito próspera na área da mineração, assim o objetivo de Jonas

⁷⁴ LOPES, 2008, p. 38.

⁷⁵ LOPES, 2008, p. 41.

⁷⁶ LOPES, 2008, p. 42-43.

⁷⁷ LOPES, 2008, p. 44.

era fugir de Deus e começar uma nova vida, em um lugar próspero onde Deus e sua palavra não o incomodariam.⁷⁸

O terceiro fato curioso que cerca o chamado de Jonas são as coincidências que aconteceram em sua fuga. Quando Jonas sai da sua vila, que ficava em uma região montanhosa, e desce para o litoral, na região de Jope, e encontra um navio que ia para Társis, ele tem dinheiro para a passagem, há um lugar para ele no barco e ele embarca com segurança, em seu pensamento tudo estava dando certo. Nem sempre quando as coisas estão dando certo na vida é um sinal de que Deus está se agradando do que está acontecendo e o contrário também se aplica; nem sempre as dificuldades são um sinal de que Deus é contra o que está acontecendo.⁷⁹

O quarto e último destaque na fuga de Jonas é a sua descida na vida ao fugir do chamado de Deus. Primeiro Jonas desce de Gate-Hefer, uma região montanhosa, para Jope, um litoral, depois Jonas desce de Jope para o navio, e depois, ao entrar ao navio, ele desce ao porão, do porão do navio ele desce ao fundo do mar, ele desce para as regiões ainda mais profundas e de lá desce ao ventre do peixe. Quem tentar fugir de Deus, faz uma escalada ao contrário, vive em contínua descida. Desobedecer a Deus é trilhar um caminho descendente, acaba de abismo em abismo até chegar ao fundo do poço.⁸⁰

À luz da Bíblia, o homem não tem nenhuma razão para fugir do chamado que Deus lhe faz e nem mesmo pode fazê-lo por muito tempo, como se observa no caso de Jonas. Ao contrário de fugir, o vocacionado precisa sentir o privilégio de servir a um Deus tão poderoso e com propósitos maravilhosos, isso lhe deve ser por motivo de muita gratidão. Como afirma César: “A vocação divina é eficaz. Plenamente eficaz. Irreversivelmente eficaz.”⁸¹

7. CONFIRMAÇÃO DO CHAMADO

O chamado de Gideão mostra uma situação especial na história do Israel antigo. Na conversa entre Gideão e o anjo do Senhor, pode-se entender o que o povo estava passando. Eles estavam sofrendo ataques contínuos, e principalmente na época da colheita, dos midianitas. Esses constantes ataques fizeram com que Israel entrasse em uma grande crise econômica, o que enfraquecia o poder de reação, mediante os ataques.⁸²

Gideão estava malhando trigo quando o anjo do Senhor lhe apareceu e saudou-lhe dizendo: “o Senhor está contigo”. No pensamento de Gideão pairava a ideia: se o Senhor é comigo, como pode permitir a opressão do midianitas? Mas essa saudação fazia parte da preparação do chamado que Deus tinha para a sua vida. Após esse diálogo, Gideão entende as palavras do anjo como um chamado. Gideão era um homem simples, com uma origem

⁷⁸ LOPES, 2008, p. 44-46.

⁷⁹ LOPES, 2008, p. 46.

⁸⁰ LOPES, 2008, p. 47.

⁸¹ CÉSAR, 1997, p. 72.

⁸² SOUZA, 2003, p. 35.

modesta e sem a intenção de ser líder em Israel. Deus, porém, o anima e promete a libertação de Israel através de suas mãos.⁸³

O pano de fundo do chamado de Gideão é o sofrimento do povo, e não somente do povo, mas ele também estava sofrendo com os ataques do midianitas. O chamado dele é específico: é para uma liderança militar, para vencer as forças midianitas e livrar Israel dos constantes ataques.⁸⁴

A primeira confirmação do chamado de Gideão encontra-se no sacrifício que ele oferece ao anjo do Senhor. O objetivo deste sacrifício é servir de sinal e garantia. Aqui Gideão reconhece a sua missão e quem o está convocando.⁸⁵ Gideão até então não estava tranquilo e nem seguro quanto ao seu chamado; ele precisava de mais confirmações, era o lado humano de Gideão relutando. Ele então faz a prova da lã na eira e Deus confirma o seu chamado as duas vezes e da forma como ele pedia. Parece que Gideão queria se certificar que não se tratava de coincidências. Solucionadas as suas dúvidas, Gideão parte para cumprir a ordem divina, mas não está tudo resolvido, pois antes da batalha ele ainda vai pedir mais um sinal.⁸⁶

A fé de Gideão não era constante e, mesmo após um rigoroso processo de seleção feita por Deus, que reduziu o exército de Gideão de 32000 homens para 300 homens, confirmando que a vitória seria dada por Deus e não por um numeroso exército, mesmo acompanhado de uma certeza absoluta de vitória, prestes a atacar os midianitas, Gideão tem o chamado fortalecido, mais uma vez. Acompanhado por seu servo, Gideão se aventura a ir o mais próximo possível dos midianitas. Ele então ouve a sentinela contando o sonho para outro companheiro, e sonhos neste período eram considerados muito importantes para saber a vontade do Senhor. Após ouvir o sonho e também a sua interpretação, vinda da boca dos seus próprios inimigos, Gideão encontrou a certeza final que tanto procurava. Com isso, adorou a Deus com muita gratidão e em seguida voltou ao seu acampamento e compartilhou isso com todo o grupo a convicção de que a vitória seria completa.⁸⁷

Por que Gideão precisou fazer tantos testes para ter certeza de que era chamado por Deus? Não bastava o fogo consumindo a oferta sobre o altar? Por que precisava insistir com a experiência da lã? Como há um contraste entre a obediência ao chamado de Gideão tão relutante, e outros que obedeceram tão prontamente, como Noé, Abraão, Isaías, Daniel, os doze discípulos, Paulo, Barnabé e tantos outros.⁸⁸

Conforme os fatos citados, Gideão pode ser julgado por sua inconstância e falta de fé, como o possível motivo que o levou a pedir tantos sinais.⁸⁹ Mas, se o assunto for abordado de um ponto de vista prático, é melhor que as dúvidas com relação à convicção de chamado sejam sanadas antes do indivíduo adentrar a missão para ele designada, do que o mesmo

⁸³ CÉSAR, 1997, p. 69.

⁸⁴ SOUZA, 2003, p. 36.

⁸⁵ SOUZA, 2003, p. 44-45.

⁸⁶ CÉSAR, 1997, p. 70.

⁸⁷ CUNDALL, Arthur E. **Juízes e Rute**: introdução e comentário. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 1986. p. 106-109.

⁸⁸ CÉSAR, 1997, p. 72.

⁸⁹ CÉSAR, 1997, p.72.

entrar cheio de dúvidas e incertezas e logo depois desistir do chamado. O exemplo de Gideão nos mostra que Deus é paciente e compreensivo, mesmo em meio a tanta hesitação e pedidos de sinais⁹⁰ e que sua vontade soberana se cumprirá, por isso pedir confirmações de Deus para o chamado é fundamental para um ministério eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de um assunto tão complexo e abrangente, a presente pesquisa permite algumas conclusões. Tendo em vista que o objetivo do trabalho era detectar o fator comum no assunto chamado, ao final desta pesquisa percebe-se que não foi identificado apenas um fator comum, mas vários fatores e esses fatores encontram-se perceptíveis ao longo da pesquisa e tomam forma nesta conclusão.

Através das características do chamado, constatam-se algumas questões, tais como: a) a relevância da convicção do chamado. Esse fator torna-se fundamental para o desenvolvimento de um chamado eficaz que resista às dificuldades e lutas; b) as características que qualificam o candidato ao ministério, pois todos os autores consultados não apresentam aparentes divergências e alistam, na maioria das vezes, os mesmos elementos que precisam ser ressaltados para a identificação de uma pessoa chamada por Deus; c) a relutância com relação ao chamado também se faz presente em várias situações. Em alguns casos, essa relutância ocorre em grau mais elevado, a ponto de levar a pessoa a tentar fugir de Deus. Em outros casos a relutância está em menor grau e resume-se nas dificuldades pessoais apresentadas para aquele que Deus chama. Provavelmente uma das realidades mais comuns no chamado é a relutância, raros são os casos de rápida e fácil aceitação e d) chamado sem confirmação pode ser duvidoso. O verdadeiro chamado é marcado por uma confirmação autêntica, que se constitui a base da convicção que o indivíduo tem com relação ao chamado.

REFERÊNCIAS

CARTER, James E. **Ética ministerial**: um guia para a formação moral de líderes cristãos. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2010. 318 p.

CÉSAR, Kléos Magalhães Lenz. **Vocação**: perspectivas bíblicas e teológicas. Viçosa: Ultimato, 1997. 173 p.

COENEN, Lothar. **Chamar**. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. Tradução de Gordon Chow. São Paulo: Vida Nova, 2000. Vol. 1, p. 349-354.

CUNDALL, Arthur E. **Juízes e Rute**: introdução e comentário. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 1986. 301 p.

⁹⁰ CÉSAR, 1997, p.72.

FISHER, David. **O pastor do século 21**: uma reflexão bíblica sobre os desafios do ministério pastoral no próximo milênio. Tradução de Yolanda Mirsda Krievin. São Paulo: Vida, 1999. 334 p.

GUSSO, Antônio Renato. Evidências da vocação ministerial. **O Batista Pioneiro**, Curitiba, ano 84, nº11, p. 03, Novembro 2010.

HANSEN, David. **Arte de pastorear**: um ministério sem todas as respostas. Tradução de Hope Gordon. São Paulo: Shedd, 2001. 198 p.

HAYFORD, Jack. **Pastores da promessa**: enfatizando o caráter e a esperança como a chave da produtividade no pastorado. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Quadrangular, 1999. 312 p.

HORTON, Stanley M. **O livro de Atos**. Tradução de Amantino Adorno Vassão. São Paulo: Vida, 1983. 253 p.

LEITE, Nelson Luiz Campo. **Pastoreando pastores**: vocação, família e ministério. São Paulo: Cedro, 2005. 88 p.

LOPES, Hernandes Dias. **Jonas**: um homem que preferiu morrer a obedecer a Deus. São Paulo: Hagnos, 2008. 124 p.

LUTZER, Erwin. **De pastor para pastor**: respostas concretas para os problemas e desafios do ministério. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2000. 159 p.

MACARTHUR Jr, John. **Redescobrimo o ministério pastoral**: moldando o ministério contemporâneo aos preceitos bíblicos. 3.ed. Tradução de Lucy Yamakami. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. 452 p.

MARSHALL, I. Howard. **Atos**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982. 397 p.

QUEIROZ, Edson. **Transparência no ministério**: como ser um líder segundo o coração de Deus. São Paulo: Vida, 1997. 216 p.

RIGGS, Ralph M. **O guia do pastor**. 3.ed. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Vida, 1980. 268 p.

SILVA, Ézio Pereira da. **Dignos de honra**: a igreja e seus obreiros. Londrina: Descoberta, 2000. 159 p.

SOUZA, Ágabo Borges de. **Vocação e espiritualidade no Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 2003. 103 p.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**. Tradução de Marcus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1994. 462 p.